

EDITORIAL

Do Chthuluceno ao Multitudoceno¹

Barbara Szaniecki²

Em seu último livro, *Staying with the trouble – making kin in the Chthulucene*, Donna Haraway procura desenvolver o imaginário de um Chthuluceno em contraponto aos conceitos de Antropoceno ou de Capitoceno. O Chthuluceno é uma era de contínuos começos elaborado por seres ctônicos. Toda sua proposta é muito imagética, multiimagética. tanto pela quantidade de imagens apresentadas como pela linguagem do texto. Trata-se de um texto científico... que beira a ficção científica. E que nos incitou a imaginar uma era da multidão: Multitudoceno.

Donna começa a apresentar sua proposta de Chthuluceno com imagens biológicas: uma aranha (*Pimoides Cthuthu*), um polvo (*Octopus Cyanea*) e, no meio deles, a divertida imagem de invertebrados num *Octopi Wall Street*. Eu já havia visto lulas e polvos associados a poderes tentaculares. No site *MotherJones*³, por exemplo, é apresentado todo um imaginário americano onde polvos representam o poder econômico relacionado à extração de petróleo no início do século XX e à bolha imobiliária e crise financeira neste início de século XXI.

São crises dos Estados Unidos do século passado, mas que voltaram a ocorrer recentemente. E são crises que se apresentam a nós também, aqui no Brasil, fazendo-nos traçar uma linha desde a *Standard Oil* até a Petrobrás. No caso norteamericano, uma grave crise financeira teve início em 2007, gerou dívidas e despejos, e atingiu seu auge em 2012. Foi quando a população endividada ocupou o *Zuccotti Park* contra *Wall Street* e, com o lema “nós somos os 99%”, gerou o *Occupy Wall Street*.

No site em questão, polvos são associados à exploração dos trabalhadores pelas corporações e, por fim, polvos ressurgem todos poderosos no encerramento das Olimpíadas em Londres em 2012, símbolo de um projeto de globalização neoliberal que não leva em conta a participação das pessoas em seus processos. No Rio de Janeiro, as Olimpíadas chegaram em 2016 e, ao seu caráter neoliberal global somaram-se as características de neodesenvolvimentismo local. A imagem do polvo Olímpico se encontra no site americano mencionado acima e não no livro de Donna Haraway, mas a trago aqui porque ela está no cerne da irreduzível diferença entre o agir dos seres terrâneos que são os Ctônicos e o agir dos seres divinos ou idealizados que são os Olímpicos e, portanto, no cerne da irreduzível diferença entre a imanência e materialidade das lutas e a transcendência e idealização da representação política que delas se afastam. Assim como da irreduzível diferença das “imagens” engendradas por esses processos.

Antes mesmo de apresentar as idéias centrais do seu livro, com o objetivo de dar uma cara ao seu Chthuluceno – um rosto que não seja aquele do humano que rege o Antropoceno

¹ A base deste editorial foi apresentado em duas ocasiões: a primeira se deu na abertura do curso Multitudoceno realizado numa parceria entre Universidade Nômade e Museu da República e a segunda na abertura do 4^a Entremeios “Em tempos de turbulências” promovido pelo Laboratório de Design e Antropologia (LaDA) da Esdi/UERJ com o Centro Carioca de Design, junto com Zoy Anastassakis e Paula de Oliveira Camargo.

² Barbara Szaniecki é professora da Esdi/UERJ e membro da Universidade Nômade.

³ <https://www.motherjones.com/politics/2011/10/occupy-wall-street-octopus-vampire-squid/>

nem aquele do capital que rege o Capitoloceno, Donna apresenta *Potnia Theron*: uma figura feminina mas em transição, com serpentes no pescoço e pássaros à mão. A cara é a de uma Górgona. Para quem não sabe, e eu também não sabia, as Górgonas eram três irmãs nada comportadas, um tanto caóticas, da Grécia Antiga. Medusa era a mais danada e foi perseguida por Atenas, a filha favorita de Zeus – o Deus do Olimpo. Essa deusa da sabedoria, nada sábia, transformou os cabelos de Medusa em cobras que lhe picavam a face e desfiguravam sua beleza. E por fim, Atena mandou Perseus cortar-lhe a cabeça. Sororidade mandou lembranças.

Para Donna, foi a cabeça cortada de Medusa que, em seu sangramento, engendrou os corais dos oceanos. A partir dessa imagem, Donna descreve o projeto artístico *Crochet Coral Reef*. Eu gostaria de chamar a atenção para o fato que, nesse ponto, a autora muda completamente de registro. O texto deixa de se encaixar no registro científico e assume uma forma SF, isto é, de ficção científica e de fabulação especulativa. Não deixemos, contudo, de assinalar dois pontos importantes, ambos relativos à imagem e projeto.

O primeiro deles diz respeito ao embate Ctônicos *versus* Olímpicos. Donna considera que “a Senhora dos Animais ou Górgona Medusa dá rosto a uma possível renovação e isso é um golpe para as figurações humanistas modernas do *Anthropos*, que olha para o futuro, e olha para o céu.” A Gorgona afirma seu caráter ctônico de resistência às figurações olímpicas. E Donna prossegue: “precisamente os seres ctônicos não são deuses celestes, não são um fundamento para a Olimpíada. [...]. Porque as divindades do Olimpo a identificaram como um inimigo perigoso para a sucessão do deus do céu, a medusa mortal é especialmente interessante [...]”. E é especialmente interessante para pensarmos diferentes concepções de design: o que diferencia um design ctônico de um design olímpico, sem maniqueísmos?

O segundo deles diz respeito ao que Donna chama de *String Figures* que aqui podemos traduzir como figuras de corda ou “camas de gato”. Processos tentaculares são diferentes da representação de tentáculos: “Com os corais, nos afastamos definitivamente das pesadas representações faciais, não importa o quão sinuosas são. Mesmo *Potnia Theron*, *Potnia Melissa* e *Medusa* simplesmente não podem gerar as tentacularidades necessárias”. Assim Donna deixa de lado a idéia de figura (assim como de suas proezas e projetos) para focar em processos como configurar, confabular e conversar entre outros modos de fazer com. *String Figures* são maneiras de dar visibilidade a esses processos.

E desses dois pontos importantes, retiremos dois outros. Da catástrofe ambiental (Antropoceno) e social (Capitoloceno), Donna não nega a dramaticidade, mas não é dela que ela quer falar e sim do Chthuluceno. Tampouco é da nossa crise generalizada que eu quero falar. Em todo caso, é preciso frisar que a crise não chegou em 2016. A crise já estava aí desde 2013 pelo menos. A crise dos megaeventos e, mais em geral, a crise do projeto. A crise socioeconômica e a crise éticopolítica. A crise não é somente o que sentimos e sofremos desde então. A crise foi a própria escolha do projeto imposta por Olímpicos esquecidos do seu passado Terrâneo com base em discursos marketeiros e sem qualquer participação dos Ctônicos. E acabou por provocar, inesperadamente, os Adoradores de Mitos. O que farão agora? Baixarão à terra para conversar? Estamos mesmo vivendo uma era de luto. Que esta edição da revista Lugar Comum contribua a sair dele, a abraçar as lutas com mil e uma fabulações especulativas e, assim, criar uma era de muitas tentacularidades no Brasil no mundo: Multitudoceno.